

A ARCA

Carlos Alberto da Fonseca*

O convite chegou de manhãzinha com um homem a cavalo. Ainda mal dava para sentir as primeiras cutucadas do sol, e o sujeito já vinha suado como o amanhecer das pedras daquele sertão. Ali não se colhia mais nada, e a promessa que ele fez teve o efeito de uma festa. O homem falava sem parar de abotoar e abrir o paletó. Quando a sanfona e a gravata foram embora, pequenos desejos saíram das poucas casas daquele ajuntamento e se agruparam nos restos do bar do Tonho. Uma esperança grande saiu de lá, bêbada, e voltou às casas de barro: reuniu os tarecos, as mulheres e as crianças, uma migalhas de comida e foi cantando pela estrada.

No antes alguém havia falado dos olhos daquele homem: “azuis – justos e perfeitos como o diabo!” “Quando me falou, me tocou de corpo inteiro, uma voz mansa de desde sempre, me agradando, penetrando...” – Zefa Calango sempre fora assim, possuível até pelo sol que desfazia as pedras. Tonho falou das maneiras do cavaleiro repentino: “Nem bebeu o trago oferecido a meio preço; todo mundo insistiu. Seu único defeito.” As crianças gostaram dele: cada uma ganhou uns trocados, tirados de uma carteira luzidia, e os gastaram na compra de pirulitos e balões de borracha que foram enchidos pelos pais, sem reclamações.

A partida fora ali pelo depois do sol alto. As marcas do animal ainda podiam ser vistas no pedregoso do caminho. Mas a música que era a lembrança do homem os empurrava para a frente, para muitas léguas adiante onde uma arca os esperava, no deserto daquela imensidão seca.

Durante a noite, dormiram tranquilos. Como se pôde.

No outro dia reuniram-se a um grupo de pessoas que brandiam alegrias nos sorrisos trocados, uma espécie de marca agora estampada nas caras de todos. O resto da tarde foi sem novidades, a não ser a comida que já começava a faltar. Socorreram-se como puderam.

Dois dias depois já eram mais de trezentos: tudo o que se movia sobre aquela terra, segundo sua espécie de pedra subitamente rolante. E, sempre em frente, surgiu-lhes um rio em cujas águas que se iam deixaram seu passado de sujos.

No outro dia, num de repente, viram a arca. “Parece um avião”, disseram alguns. E outros retrucaram: “Se não for um avião, que trem mais esquisito que

* Doutor em Letras. Professor de Língua e Literatura Sânscrita da FFLCH / USP.

será?" Mas a admiração era geral: Zefa Calango delirava com a visão, Tonho lamentava não ter trazido bebida, Josafato salientou que era "a coisa mais bonita que tinha aparecido no sertão". As crianças não se embarçaram: pequeninas e magras, não teriam problemas de acomodação.

À distância, a arca parecia uma pedra envolta pela emanção da areia e de milhares de pessoas. O céu havia desaparecido, a arca ocupava todo o horizonte. Muitos e muitos confiavam no convite e foram se reunindo aos que já embarcavam. Uns poucos arredaram: "Só tinha que dar nisso aquela história de bem-aventurados uma porção de coisas porque deles não sei o quê mais."

Mas acabaram entrando.

A arca, no dentro, era de madeira mesmo, alisada no capricho, de boa feitura. Tinha três andares e janelas bem lá no alto, pequenas, estrelas penduradas no novo. No velho que entrava tudo era entusiasmo nascido. E muitas perguntas. Tomé queria que lhe explicassem as palavras do cavaleiro, que ele achava muitas e difíceis: "escolarização", "proventos", "portunidades"... Ninguém se lembrava, "mas coisa ruim não deve ser não, replicava Zefa Calango, deliciada.

Quando a porta foi fechada por um homem todo de preto, todo o vivo do sertão sobrevivia dentro da arca. O orgulho transfigurava os rostos, a comida jorrou farta, os roubos incentivaram iras, o menos queria ser o mais, o sexo comeu o que pôde, a preguiça paralisou tudo. Era a noite eterna dos tempos.

Uma vez começaram os primeiros solavancos, alguns ruídos diferentes, uma âncora foi lançada. E parou. No canteiro central de uma praça no meio da cidade grande. Quase ninguém prestou atenção, mas de dentro de uma arca que veio de longe saíram uns animais berrando dolorosamente, as cabeças espremidas entre os dedos crispados, os pescoços apertados por correias. Lançados às ruas, desapareceram, sozinhos, no meio de nunca mais o antes.

O PADRINHO

Airton Paschoa*

Conseguira passar pela senhoria sem ser visto, enfiara pelo corredor como uma sombra, e agora tomava fôlego, rápido, antes de bater à porta.

Bateu levemente, receoso... nada. Quando decidira, finalmente, imprimir um pouco mais de força, a porta abriu-se, e ela elevou o indicador aos lábios. As crianças dormiam.

Entrou, pisando em ovos e brinquedos. Ela sorriu, a desculpar-se, recolhendo-os, e indicou-lhe uma cadeira.

— Cumprimenta o padrinho, sussurrou.

E uma menina de uns cinco, seis anos, moreninha, quase índia, a cara da mãe escrito, saiu debaixo da mesa, amuada.

— Essa não dorme...

O padrinho pegou-lhe o bracinho estendido, levou a mão ao bolso, num gesto de quem busca alguma coisa, deixou-a lá... paralisado! Trocara de paletó à saída, achando que combinava mais, e esquecera de retirar as balas. Olhou para a menina, desenxavido, passou-lhe a mão na cabeça, sorriu, sem ser correspondido.

— Pronto, mamãe?

A mulher, reprimindo o sorriso de orgulho, fez que sim com cabeça, e a menina retornou ao esconderijo.

— Não está muito escuro? balbuciou o padrinho.

Ela fez que não ouviu, ele sussurrou mais alto. Tão escuro achava, para o crochê... ela estava acostumada, ou não ligava, ou que não era crochê, era tricô, ou que ela precisava terminar aquela pecinha, tudo isso parecia indicar o negaceio de cabeça suave.

— E sua mulher, melhorou?

Tirou os óculos para vê-lo melhor. Ele agradeceu, calado, e não foi apenas à delicadeza da pergunta, foi sobretudo a seus olhos livres, luminosos, daquela doçura que le tanto lutava por explicar, que agradecia, comovido.

Recolocou-os, ameaçou recolocá-los, pensando reiniciar a tarefa, deteve-se. Tinha razão, talvez estivesse escuro, e soltou o cabelo, que lhe caiu ombro abaixo, como um manto.

* Jornalista e Pós-Graduando (Mestrado) em Literatura Brasileira.